

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 8 • 1999 / 2000



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1999 / 2000

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 8 • 1999/2000 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

PREFÁCIO - Jorge de Alarcão

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação da
Câmara Municipal de Oeiras

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do
Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas, 2745-615 BARCARENA

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange Wanted
Tauscherverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Impresse 4

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

MOEDAS MEDIEVAIS E MODERNAS ACHADAS NAS ESCAVAÇÕES DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)^(*)

por João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Francisco Magro⁽²⁾

1- INTRODUÇÃO

No decurso das escavações realizadas, em continuidade, desde 1983 no povoado pré-histórico fortificado de Leceia (concelho de Oeiras), têm sido recolhidos diversos materiais medievais, modernos e mesmo contemporâneos, na camada superficial da sequência estratigráfica definida na estação (CARDOSO, 1994, 2000). Entre tais materiais, avultam os numismas dados agora a conhecer, recolhidos nas imediações e no subsolo de caminho antigo, que atravessava obliquamente a zona primitivamente ocupada pelo povoado pré-histórico (Fig. 1).

Tal caminho, na zona correspondente à implantação da estação arqueológica, desenvolvia-se na direcção aproximada Norte-Sul, inflectindo depois, provavelmente, para Este. O seu piso aproveitou, em parte, as bancadas de calcários duros recifais do Cretácico, que por vezes afloram; porém, na sua maior parte, era constituído por terra batida, que assentava directamente em camada pedregosa, correspondente a derrubes das estruturas calcolíticas subjacentes: tal é a conclusão deduzida de um corte vertical, executado transversalmente ao respectivo eixo, na campanha de escavações de 1997 (Fig. 3). De ambos os lados, o caminho encontrava-se, em parte, delimitado por grandes blocos calcários não aparelhados, actualmente apenas conservados em sector limitado do antigo traçado, marginal à área escavada, mas que provavelmente se dispunham em continuidade, de ambos os lados, em muito maior extensão (Fig. 2). Os cortes verticais executados em sector onde tais alinhamentos ainda se observavam, mostraram que a sua fundação assentava em camada terrosa (solo arável),

(*) Este estudo, que beneficiou dos numismas recolhido em Leceia no decurso da campanha de escavações de 2000, corresponde, em parte, a artigo publicado pelos autores nas *Actas do I Congresso Luso Brasileiro de Numismática/V Congresso Nacional* (Porto, 2000). Lisboa: Associação Numismática de Portugal, 2000, p. 233-248.

⁽¹⁾ Agregado em *Pré-História*. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

⁽²⁾ Academia Portuguesa da História e Associação Numismática de Portugal.

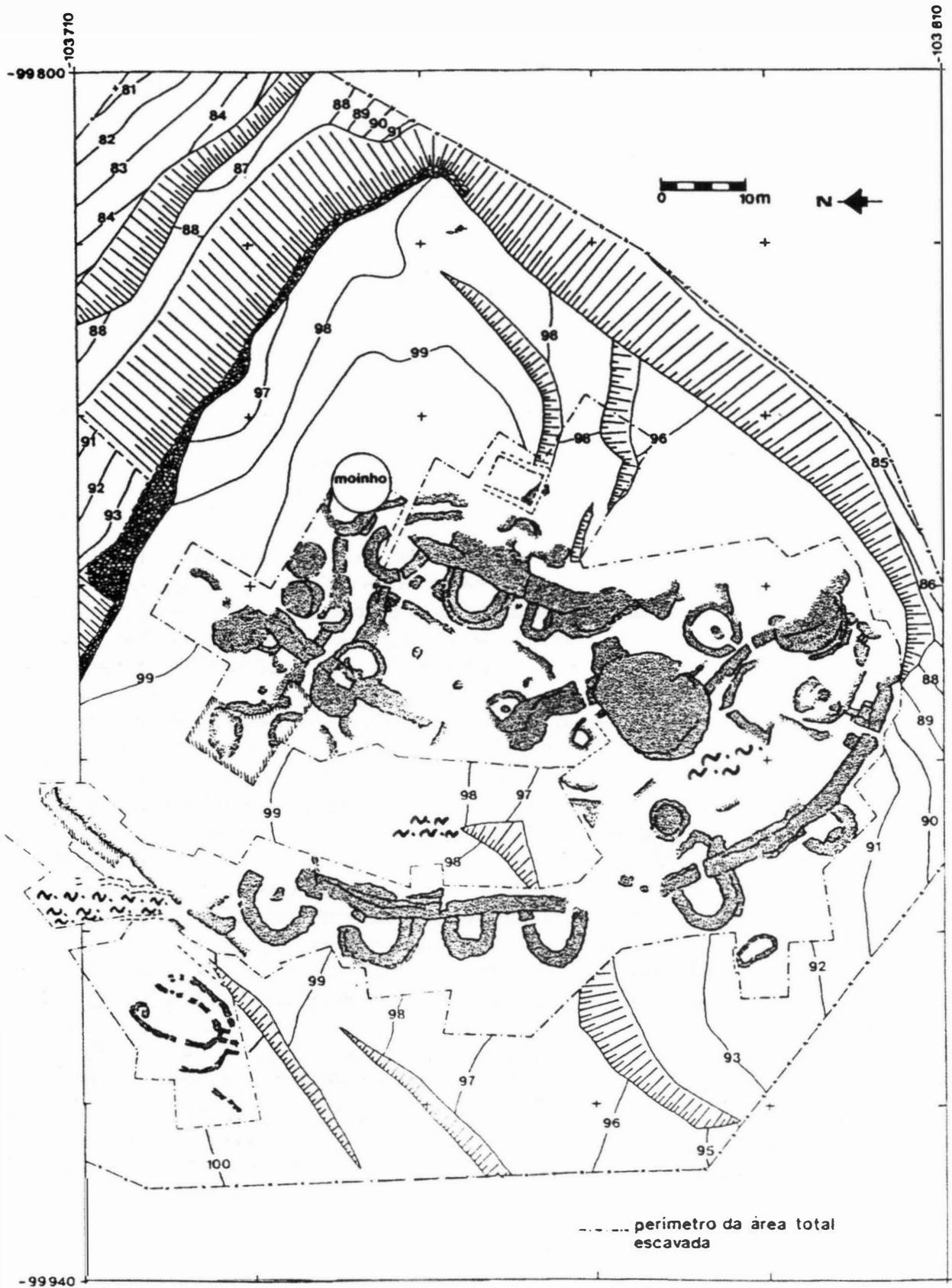


Fig. 1 - Planta simplificada do povoado pré-histórico de Leceia, assinalando-se, a ondulado interrompido, as zonas de achados de moedas.

directamente assente na camada pedregosa supra referida. No referido sector a largura da via assim definida atingia cerca de 2,5 m (Fig. 2).

O respectivo traçado, mostra que este caminho se destinava a unir o pequeno aglomerado de Leceia de Baixo à importante vila de Barcarena; com efeito, a primeira das referidas povoações, ainda se apresenta isolada da de Leceia de Cima em 1878, como se verifica em planta publicada por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878); o referido caminho era ainda utilizado em inícios da década de 1980.

Por se tratar de conjunto numismático numeroso e variado, cujas condições de ocorrência se apresentam bem conhecidas, resultantes de intervenção arqueológica, que sublinha as características peculiares do achado, crê-se que a sua publicação se justifica, até por contribuir, de algum modo, para o conhecimento da ocupação humana antiga de zona rural dos arredores de Lisboa, bem como da circulação monetária processada pelos respectivos moradores no final da Idade Média / inícios da Época Moderna.

2 - CONTEXTO GEOGRÁFICO, ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO

O povoado pré-histórico de Leceia implanta-se em esporão rochoso, constituído por calcários duros, de origem recifal, do Cretácico Inferior, debruçado sobre o fértil vale da ribeira de Barcarena, que domina do alto da sua encosta direita. Dista cerca de 4 km em linha recta do estuário do Tejo, que se observa ao longe. Foram as excepcionais condições de defesa oferecidas pela plataforma rochosa – reforçadas pela existência, dos lados oriental e meridional, de um escarpa rochosa que atinge cerca de 10 m de altura – que determinaram a escolha de tal lugar, pelas sucessivas comunidades pré-históricas que o ocuparam, em continuidade ou quase, durante mais de mil anos, entre os finais do IV milénio AC e os finais do milénio seguinte (CARDOSO, 1994, 2000).

Em época histórica, à referida plataforma, exposta aos ventos de Norte, canalizados pelo vale da ribeira de Barcarena, desde cedo foi reconhecida ter especiais aptidões para a implantação de moinhos de vento. Com efeito, testemunhos de dois deles ainda hoje subsistem no local: o único conservado, corresponde a construção de pequenas dimensões (diâmetro externo de cerca de 5 m), de grossas paredes e assente no substrato geológico; a data de 1707, inscrita na verga da porta, poderá atribuir-se à da construção, ou à da reconstrução, substituindo moinho mais antigo, cujos vestígios, porém, não se vislumbram. Mais perto da extremidade rochosa da plataforma, identificaram-se restos de um segundo moinho, arrasado até os alicerces em época recuada: com efeito, desenho da escarpa publicado em 1878 por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878) representa apenas o primeiro destes dois moinhos, já em ruínas, mas não o segundo, entretanto totalmente desaparecido. A causa de tão evidente destruição pode reportar-se à instalação de pedreiras no próprio local, especialmente no decurso da segunda metade do século XVIII, relacionadas com a extracção de calcários para a re-



Fig. 2 - Leceia. Vista parcial do caminho medieval / moderno no sector escavado em 1997, evidenciando-se alinhamento de grandes blocos, que o marginavam lateralmente. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 3 - Leceia. Pormenor do alinhamento de grandes blocos que delimitavam o caminho medieval / moderno no sector escavado em 1997, assentes em camada terrosa com materiais medievais e modernos. Em primeiro plano, observa-se camada pedregosa, correspondente a derrubes das estruturas calcolíticas.

construção de Lisboa, depois do terramoto de 1 de Novembro de 1755, actividade cujos vestígios ainda hoje se podem observar no local. Muito mais evidentes são os testemunhos das célebres e bem conhecidas pedreiras de Leceia, situadas cerca de 500 m para Sul, actualmente conhecidas pelas "furnas", devido ao processo de extracção dos grandes blocos calcários ter recorrido a galerias, ainda hoje bem conservadas.

Tendo em conta o que se disse, é admissível que, do referido caminho, partisse um outro, destinado a servir os dois moinhos referidos, distanciados entre si cerca de quarenta metros, utilizado mais tarde, para serventia da pedra que ali se instalou: ainda hoje se pode observar, em zona adjacente ao moinho conservado, pequena construção rectangular correspondente a oficina relacionada com a exploração dos calcários. Sem dúvida que esta actividade terá sido a responsável pelo declínio da exploração agrícola da plataforma e zonas adjacentes, apenas recuperada aquando do seu abandono, ocorrido provavelmente no início do século XIX.

Porém, a antiguidade da presença humana em tempos históricos do termo de Leceia é muito mais recuada; encontra-se comprovada, entre outros, pelos seguintes documentos:

1 - 1253, Setembro. Carta de doação de cinco oliveiras no lugar de Lecea (termo de Lisboa). Doadores: Martinho Joanes Caluchi e sua mulher Gontina Peres. Donatário: Mosteiro de S. Vicente de Lisboa. A.N./T.T., S. Vicente, m. 3, nº. 15.

2 - 1326, Março, 5. Carta de escambo entre João António, cônego do Mosteiro de S. Vicente de Fora, em nome deste e Pero Anes, Cônego da Sé de Lisboa, de uma coirela de uma almoinha, com seu canavial e casas, que o Mosteiro possuía em Lecea, termo de Lisboa, por uns olivais que Pero Anes tinha em Gasarbajar. Neste documento transcreve-se a carta em que o Prior e o Convento do Mosteiro de S. Vicente de Fora concedem autorização ao dito João António para poder efectuar o escambo. Esta carta está datada de 1326, Fevereiro, 27. A.N./T.T., S. Vicente, m. 7, nº. 16.

3 - 1376, Agosto, 10. Carta de empraçamento, em vidas, de um casal na Idanha, e um olival em Lecea, ambos no termo de Lisboa, pela renda annual de 20 libras de dinheiros portugueses, pagos no dia de natal e a dízima para a capela do dito Mosteiro. A. N./T. T., S. Vicente, m. 14, nº. 13.

O interesse agrícola do termo de Leceia, bem evidenciado pelos documentos supra referidos, era acompanhado pelo valor dos recursos cinegéticos e silvícolas da área em causa: disso é prova o seguinte documento (referido por NEVES, 1982):

4 - 1462, Setembro, 10 - Carta do Monteiro da Mata de Leceia a Pedro Coelho. A. N./T. T. Chancelaria de D. Afonso V, Livro 1, fl. 67, v.

Os documentos acima referidos mostram que a ocupação humana efectiva do sítio e termo de Leceia era uma realidade pelo menos desde meados do século XIII, acentuando-se, como seria de esperar, nos séculos seguintes. Tal evidência encontra-se espelhada no conjunto numismático recolhido, cuja caracterização se passa a apresentar.



Fig. 4 - Dinheiro de D. Diniz. Anverso e reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 5 - Ceitil de D. Afonso V.F.M. 1.2.10. Cunhado no 2.º semestre de 1448 ou no 1.º semestre de 1449. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 6 - Ceitil de D. Afonso V.F.M. 6.3.2. Cunhado em 1457. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

3- ESTUDO NUMISMÁTICO

3.1 - DINHEIRO DE D. DINIZ (Fig.4)

Foram os dinheiros a moeda corrente durante toda a I Dinastia, começando com bom teor de prata com D. Afonso Henriques e terminando como moeda de cobre no reinado de D. Fernando; circularam, pois, durante cerca de 250 anos.

O exemplar em apreço é de D. Diniz, provavelmente da segunda metade do reinado, dado apresentar já o número de besantes estabilizado – cinco – e dispostos em aspa (ø 16mm). Deste modo, a sua cunhagem pode situar-se entre 1300 e 1325.

Trata-se de variante não catalogada em GOMES (1996).

3.2 - CEITIS

Os ceitis foram as moedas mais frequentes ao longo da II Dinastia; as primeiras emissões são de D. Afonso V e as últimas de D. Sebastião, correspondentes a lapso temporal de cerca de 120 anos. Caracterizam-se, salvo uma exceção, por possuírem numa das faces três torres dentro de um recinto murado e na outra o escudo de armas de Portugal. O conjunto em apreço possui exemplares dos reinados de D. Afonso V e de D. Manuel I, os quais foram classificados de acordo com MAGRO (1986).

D. Afonso V

- 1 - Ex. F. M. 1.2.10 ø22mm (Fig. 5). Cunhado no 2º. Semestre de 1448 ou no 1º. Semestre de 1449.
- 2 - Ex. F. M. 6.3.2 ø20mm (Fig. 6). Cunhado no ano de 1457.
- 3 - Ex. F. M. 6.4.9 ø19mm (Fig. 7). Cunhado no ano de 1457.
- 4 - Ex. F. M. 7.2.1 ø22mm (Fig. 8). Cunhado entre 1458 e 1460.
- 5 - Ex. F. M. 8.1.4 ø25mm (Fig. 9). Cunhado entre 1458 e 1460.
- 6 - Ex. F. M. 8.2.1 ø20mm (Fig. 10). Cunhado entre 1458 e 1460.
- 7 - Ex. F. M. 8.4.1 ø20mm (Fig. 11). Cunhado entre 1458 e 1460.
- 8 - Ex. F. M. 9.2.20 ø22mm (Fig. 12). Cunhado entre 1463 e 1464.
- 9 - 2 Ex. F. M. 9.2.34 ø21mm; ø22mm (Fig. 13 e 14). Cunhados entre 1463 e 1464.

D. Manuel I

- 1 - Ex. F. M. 3.1.4 ø18mm (Fig. 15). Cunhado entre 1498 e 1499.

D. João III

- 1 - Ex. F. M. 6.1.1. ø16mm



Fig. 7 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 6.4.9. Cinhado no ano de 1457. Anverso e Reverso.
Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 8 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 7.2.1. Cinhado entre 1458 e 1460. Anverso e Reverso.
Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

3.3 - MOEDA DE 3 REAIS DE COBRE

Este valor foi cunhado a partir do 4º. Trimestre de 1550, no reinado de D. João III. Não foi possível catalogar com maior precisão o presente exemplar $\varnothing 27\text{mm}$, devido ao mau estado de conservação.

3.4 - MOEDA DE 6 VINTÉNS DE PRATA

O exemplar em apreço apresenta uma particularidade interessante: o reverso é incuso, situação raramente observada (Fig. 17). Encontra-se quase reduzido a chapa, sendo no entanto possível a sua atribuição ao reinado de D. João V, presumivelmente ao seu início, atendendo ao elevado desgaste que apresenta $\varnothing 27\text{mm}$; deste modo, poderá situar-se entre 1706 e 1717 (1º. Quarto do reinado).

3.5 - MOEDA ESTRANGEIRA (Fig. 17 e 18)

É uma moeda de 8 maravedis de Filipe IV de Espanha (Fig. 18, $\varnothing 28\text{mm}$). Segundo CAYON & CASTAN (1983) será do tipo CC 36 deste reinado, cunhada entre 1623 e 1626. Possui um primeiro carimbo de XII, aplicado em 1641, para valer 12 maravedis e um segundo carimbo de 8, aplicado entre 1651 e 1654, para correr de novo por 8 maravedis.

3.6 . SELO DE CHUMBO (Fig. 16)

Trata-se de um exemplar em excepcional estado de conservação. Tem forma quase circular (\varnothing de 18 mm), com pedúnculo, onde ainda se conservam restos do nastro de suspensão. Numa face apresenta a esfera armilar e na outra o escudo português com sete castelos, entre dois ornamentos, encimado por uma coroa antiga aberta.

Segundo TÁVORA (1983), o chumbo só era usado pela Casa Real e em selos pendentes; tanto este autor como SOUSA (1947) não apresentam qualquer exemplar semelhante. É provável que seja do reinado de D. Manuel I. A possibilidade deste exemplar se relacionar com documento ou, simplesmente, constituir selo de mercadoria deve manter-se, de momento, em aberto.

4 - DISCUSSÃO●

O presente trabalho assume características invulgares, por corresponder à publicação de um conjunto monetário medieval e moderno resultante de uma escavação arqueológica de um povoado pré-histórico. A tal invulgaridade, acresce o facto de se conhecerem perfeitamente as condições do achado, incluindo as da construção com que se encontra relacionado, bem como as respectivas



Fig. 9 - Ceutil de D. Afonso V. F.M. 8.1.4. Cinhado nos anos de 1458 a 1460. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 10 - Ceutil de D. Afonso V. F.M. 8.2.1. Cinhado nos anos de 1458 a 1460. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 11 - Ceutil de D. Afonso V. F.M. 8.4.1. Cinhado nos anos de 1458 a 1460. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 12 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 9.2.20. Cinhado nos anos de 1463 a 1464. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 13 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 9.2.34. Cinhado nos anos de 1463 a 1464. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 14 - Ceitel de D. Afonso V. F.M. 9.2.34. Cinhado nos anos de 1463 a 1464. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

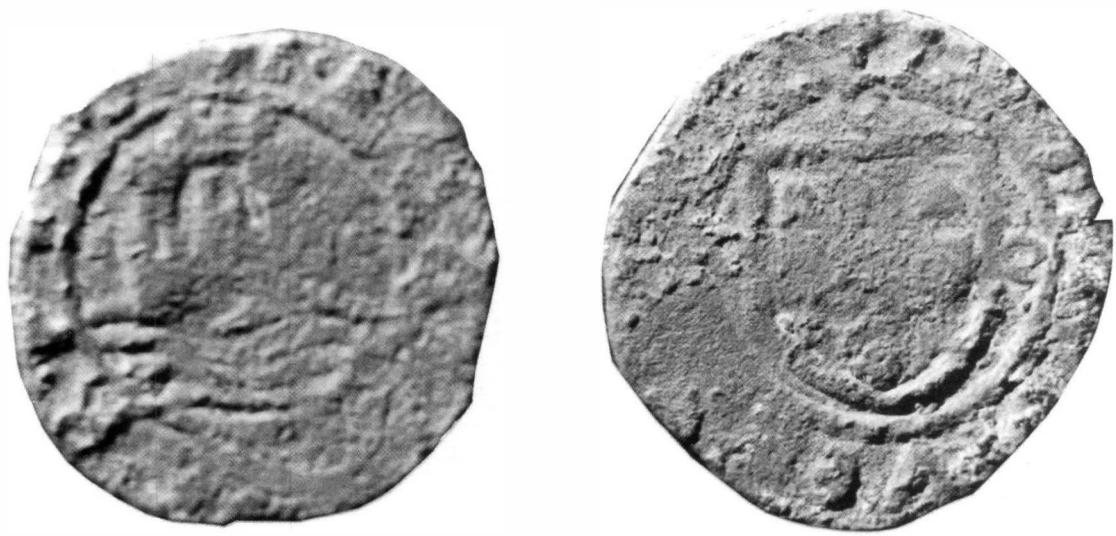


Fig. 15 - Ceitel de D. Manuel I. F.M. 3.1.4. Cunhado entre 1458 e 1459. Anverso e Reverso. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 16 - Selo de chumbo de D. Manuel I. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

condições estratigráficas. Com efeito, crê-se que a relação dos numismas ora publicados com um caminho vicinal, que serviu por muitos séculos, pode sem dificuldade ser explicada através de perdas ocasionais por parte dos transeúntes de e para Leceia de Baixo. Aliás, a antiguidade da ocupação do termo de Leceia, encontra-se documentada por diversas fontes históricas, algumas das quais são agora pela primeira vez publicitadas.

Este trabalho permite, outrossim, avaliar a importância relativa da circulação monetária processada em uma pequena povoação dos arredores de Lisboa, a qual evidencia um máximo ao longo da segunda metade do século XV. Tratava-se, então, de região rica e populosa, favorecida pela abundância de água, fertilidade dos solos e proximidade do estuário do Tejo. Este período de apogeu antecedeu imediatamente a instalação, em Barcarena, das Ferrarias d'El-Rei, no reinado de D. João II, destinadas à produção de armaria branca e de fogo (QUINTELA, CARDOSO & MASCARENHAS, 1999/2000), cujo primeiro documento conhecido se encontra datado de Santarém do ano de 1487, correspondendo a uma Carta de Privilégio aos Oficiais das Ferrarias de Barcarena (VITERBO, 1896). Na opção por esta localização, poderá ter pesado o facto de, pelas razões supra apontadas, ser fácil obter mão-de-obra em quantidade necessária para a produção de armamento e, a partir do reinado de D. Manuel, para o fabrico da pólvora, indústria que marcou fortemente a economia e a sociedade locais até (quase) a actualidade.

5 - CONCLUSÕES

No decurso das escavações efectuadas no povoado pré-histórico de Leceia, situado no concelho de Oeiras, Freguesia de Barcarena, iniciadas em 1983 e dirigidas por um de nós (J. L. C.), recolheram-se diversos numismas e um selo de chumbo, que foram objecto deste estudo. Trata-se de um conjunto de ceitis dos reinados de D. Afonso V, de D. Manuel I e de D. João III e de exemplares de cada uma das seguintes espécies: um dinheiro de D. Diniz; três reais de cobre, de D. João III (?); seis vinténs de prata de D. João V; e oito maravedis de Filipe IV de Espanha, segundo a classificação efectuada pelo outro dos signatários (F. M.).

Estes exemplares provêm de zona adjacente a caminho de origem muito antiga, que atravessava diagonalmente a área escavada, anteriormente ocupada pelo povoado pré-histórico. O seu piso era de terra batida e, em certas áreas, correspondia às próprias bancadas calcárias cretácicas, que constituem o substrato geológico local e encontrava-se em parte delimitado por grandes blocos não aparelhados, reutilizados das muralhas da própria fortificação calcolítica.

O conjunto numismático assim reunido vem contribuir, ainda que com evidentes limitações, para o conhecimento da circulação monetária em meio rural, com base em materiais circunstancialmente perdidos, sobretudo nos finais da Idade Média / inícios da Idade Moderna, por viadantes de e para Leceia de Baixo, pequena povoação actualmente ligada a Leceia de Cima mas que, até ao século



Fig. 17 - 6 Vinténs de prata de D. João V. Cunhagem incusa. 1706-1717. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.



Fig. 18 - 8 maravedis de Filipe IV de Espanha, cunhado entre 1623 e 1626. Tipo CC 36. Ampliado. Foto de J.L. Cardoso.

XIX, justificava ligação directa à importante vila de Barcarena, a cerca de 800 m de distância, assegurada pelo referido caminho.

Trata-se, ainda, de um primeiro contributo prestado pela Arqueologia para o conhecimento da economia e ocupação do território oeirense, nos finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna.

Agradecimentos

Ao Dr. Isaltino Afonso Morais, pelo apoio que tem concedido aos trabalhos de Arqueologia desenvolvidos por um de nós (J. L. C.) no povoado pré-histórico de Leceia, de forma insofismável, desde que assumiu a Presidência da Câmara Municipal de Oeiras.

Ao Dr. J. Hormigo, o primeiro signatário agradece, igualmente, as informações sobre os documentos dos A. N./ T. T. agora pela primeira vez publicados.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1994) - Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, nº. especial. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J. L. (2000) - The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19(1), pp. 37-55.
- CAYON, J. & CASTAN, C. (1983) - *Las monedas españolas desde los reyes visigodos año 406 a Juan Carlos I*. Madrid.
- GOMES, A. (1996) - *Moedas portuguesas e do território português antes da fundação da Nacionalidade*. Lisboa.
- MAGRO, F. A. Costa (1986) - *Ceitis*. Sintra: Instituto de Sintra.
- NEVES, C. Baeta (1982) - *História Florestal Aquícola e Cinegética*. Tomo II, doc. nº. 424. Lisboa.
- QUINTELA, A. de Carvalho; CARDOSO, J. L. & MASCARENHAS, J. M. (1999/2000) - A fábrica da pólvora de Barcarena. História e evolução tecnológica. *Arqueologia & Indústria*. Lisboa. 2/3, pp. 17-40.
- RIBEIRO, C. (1878) - Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. *I - Notícia da estação humana de Licêa*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia, 69 p. 21 Est. (com tradução em Francês).
- SOUSA, D. A. Caetano de (1947) - *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Tomo IV. Coimbra.
- TÁVORA, L. G. de Lancastre e (1983) - *O estudo da sigilografia medieval portuguesa*. Lisboa.
- VITERBO, F. Sousa (1896) - *O fabrico da pólvora em Portugal. Notas e documentos para a sua história*. Lisboa: Typographia Universal.